

DIDÁTICA DA HISTÓRIA NO CONTEXTO ESCOLAR DE GOIÂNIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A FUNÇÃO DA HISTÓRIA E DO HISTORIADOR

Luciana Leite da Silva¹

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada no curso de especialização em História Cultural e tem como principal objetivo apresentar a Didática da História como parte integrante da história como ciência. Será utilizado como referencial teórico o conceito de Didática da História elaborado por Jörn Rüsen, o qual estabelece uma intrínseca e inseparável relação entre: carências de orientação do homem no tempo/funções de orientação do pensamento histórico. Ao fundamentar a matriz disciplinar da História, a resposta a estas carências, as quais geram os objetos de pesquisa, se constitui na principal função da história e do historiador. É do meio social que surgem as perguntas e é a esta mesma sociedade que as possíveis respostas devem ser levadas, sendo esta a principal função da Didática da História. Nesta perspectiva entendo a escola como espaço de ensino e também como espaço de pesquisa, por isso tentei responder algumas questões como: a importância e o conceito de história que prevalece entre os alunos; qual a função da história como disciplina escolar e a influência das narrativas familiares e da paisagem urbana na formação da consciência histórica destes alunos. Para tal realizei uma pesquisa com questionários aplicados a alunos do ensino médio, no Colégio Estadual Nazir Safatle, e do ensino fundamental, no Colégio Claretiano Coração de Maria. O artigo está dividido em duas partes sendo a primeira dedicada a análise conceitual da teoria de Jörn Rüsen e na segunda parte apresento os resultados da pesquisa realizada, com a respectiva justificação e também com algumas transcrições que considere importante.

A idéia de realizar um projeto que tenha como eixo central a Didática da História partiu de minha própria experiência profissional como educadora do ensino fundamental e médio, que me permitiu vivenciar inúmeros problemas acerca da defasagem teórica que permeia nossa prática profissional no Brasil. Também o contato com o conceito de Didática da História desenvolvido por Jörn Rüsen influenciou minha escolha, já que o mesmo abre uma série de possibilidades de se pensar e ensinar história, que vão muito além dos tradicionais e corriqueiros clichês didáticos, e traz a tona a necessidade de se pensar a prática do ensino de história vinculada à teoria da história.

Sabemos que no Brasil a desvalorização do professor ultrapassa a esfera governamental e atingi toda sociedade inclusive a comunidade universitária: ninguém quer ministrar aulas para ensino médio e fundamental e a experiência dos que atuam na área são desprezadas pela comunidade acadêmica, chegando em certos casos a nem ser considerada “experiência profissional”.

Isso se reflete na comunidade de professores que partilham de uma opinião que deve ser discutida: a de que existe um verdadeiro abismo entre teoria e prática, universidade e sala de aula ou história ciência e história disciplina escolar. Apesar de concordar que a prática docente da história na maioria das vezes é deixada de lado dentro da pesquisa acadêmica, é exatamente sobre uma perspectiva contrária que pretendo analisar o ensino de história.

Apesar de todas especificidades do caso alemão, é sob a luz da teoria de Rüsen que desenvolvo meu trabalho, pois parto do princípio de que uma nova forma de perceber o conhecimento histórico influencia diretamente na relação que o ensino de história estabelece entre realidade social e conhecimento histórico científico. Isto virá contribuir também para uma ampla reflexão da função da história na orientação temporal do indivíduo bem como de sua formação identitária.

Apresentarei então alguns dos conceitos chaves da teoria de Rüsen os quais nos permitem compreender sua concepção de história como ciência e disciplina escolar bem como a função social do historiador. Serão expostos ainda os fundamentos da consciência histórica, ou seja, a constituição do pensamento histórico na vida prática. O objetivo desta exposição teórica da constituição científica da história é o de apresentar as novas possibilidades que se abrem ao campo da Didática da História e que podem enriquecer nossa auto-reflexão profissional.

Na segunda parte do artigo irei expor os resultados da pesquisa realizada por meio de questionários a aluno do ensino médio e fundamental.

Parte I

DA FUNÇÃO PRÁTICA DA HISTÓRIA E DO HISTORIADOR.

Quando Jörn Rüsen trata a didática da história como uma das funções da teoria da história, ele chama atenção para necessidade de se ampliar seu campo de atuação, que muitas vezes se limita á preocupações metodológicas ao passo que não se aprofunda num debate acerca dos conhecimentos históricos em todo seu tecido social, ou seja, fora do âmbito acadêmico e escolar:

Basta olhar para a própria prática para se ver onde e como se pode alçar acima dela, tomando-a como base, refletir sobre ela, lidar com ela... Não se pode de forma alguma pensar um processo histórico de conhecimento em que o próprio sujeito do conhecimento deixasse de debruçar-se sobre si mesmo. Poder-se ia quase dizer que a auto reflexão se efetua tanto melhor quanto mais completa for a apreensão da realidade pelo pensamento e sua interiorização... O cotidiano do historiador constitui a base natural da teoria da história. Essa teoria não é mais que uma elaboração especial dessa constante reflexão do

sujeito cognoscente sobre si mesmo. É em tal teoria que essa reflexão se efetiva, em correlação com o objeto primário do pensamento: a 'história'. A efetivação teórica ganha, no paralelo com a prática, amplitude e profundidade. (Rüsen, 2001, p. 25,26)

A proposta é tomar a prática como base para uma reflexão em que a construção do processo histórico de conhecimento se dê por meio da apreensão e interiorização do cotidiano do historiador. Essa reflexão possibilitará então uma ampliação da teoria da história calcada na constante reflexão do historiador sobre si mesmo. Neste sentido, a importância da teoria da história consiste na necessidade do especialista não se perder nos limites de sua pesquisa e de seu trabalho:

Os que se dedicam a pesquisa histórica e à historiografia têm de ser especialistas, necessitam saber manejar a especificidade científica do pensamento histórico de tal maneira que já não pensam nela, ao concentrar-se em seu trabalho de pesquisa, ao escrever e ao ensinar história. (Rüsen, 2001, p.27).

É necessário que cada ponto específico examinado pelo historiador seja relacionado a um todo abrangente. Este todo abrangente consiste na teoria da história, cujo objeto são os princípios e fundamentos da ciência da história, ou seja, a matriz disciplinar. Rüsen utiliza o conceito de matriz disciplinar de Thomas Kuhn:

Conjunto sistemático dos fatores ou princípios do pensamento histórico determinantes da ciência da história como disciplina especializada. (Rüsen, 2001, p. 29)

Para definir a função prática da história e do historiador Jörn Rüsen parte de uma análise sobre a constituição da matriz disciplinar da ciência da história e dos significados da teoria da história para a formação e o estudo da história.

1-Fundamentos da matriz disciplinar da ciência da história.

A matriz disciplinar da ciência da história é constituída por cinco fatores, ou fundamentos.

O primeiro fator é formado pelas carências fundamentais de orientação da vida prática humana no tempo que reclamam o pensamento histórico. Carências estas que se articulam na forma de interesse cognitivo pelo passado.

A expressão ‘interesses’ designa, assim, o ponto de partida que o pensamento histórico toma na vida prática do quotidiano antes de se constituir como ciência. No entanto, tais interesses ainda não são propriamente conhecimento histórico.

O segundo fator consiste nos critérios de sentido que regulam a reflexão dos homens com seu mundo e consigo mesmos. São as idéias que decidem como deve ser interpretada a mudança do homem e de seu mundo, a fim de que se dêem orientações práticas da vida humana no tempo, pois só assim as carências de orientação podem vir a ser satisfeitas.

As idéias são os referenciais supremos que dão significado às ações do homem (no agir e no ato de ser objeto de uma ação). Elas transformam as carências em interesses no conhecimento histórico, organizam a interpretação que os homens têm que dar de si mesmos ao quererem agir ou modificar o mundo; dão ao passado, como tempo experimentado, a qualidade de histórico; determina o quê, como ‘história’, integra o campo cognitivo da ciência da história; é com base nelas que o historiador formula suas conjecturas ao interrogar as fontes selecionadas.

O primeiro e segundo fatores determinam a ciência da história nos processos pré e paracientíficos da interpretação da experiência do tempo, são oriundos da vida prática. No entanto, é o processo de efetivação desses interesses e idéias como experiência concreta do passado que identificamos a especificidade científica da história.

É por meio das fontes e do método, os quais constituem o terceiro fator da matriz, que o pensamento histórico se torna científico. Apenas quando as perspectivas quanto ao passado, oriundas de carências e orientadas por interesses, são trabalhadas metodicamente podemos afirmar que elas se transformaram em saber histórico com conteúdo empírico.

A historiografia, enquanto forma de apresentação do conhecimento histórico empírico, é o quarto fator da matriz. É na historiografia que desemboca os processos de pesquisa metódica do conhecimento histórico empírico a partir das fontes. Ela é um produto da pesquisa histórica.

O quinto e último fator que fundamenta a pretensão de racionalidade da ciência histórica é a função de orientação existencial do homem no tempo, ela é a resposta á função que deu origem a matriz disciplinar, ou seja, ás carências de orientação.

Esses cinco fatores são etapas de um processo da orientação do homem no tempo mediante o pensamento histórico, sendo que ao se articularem na matriz disciplinar da ciência da historia permitem a distinção do pensamento histórico constituído cientificamente do pensamento histórico comum.

A matriz disciplinar permite então:

- apresentar as determinações elementares do pensamento histórico científico;
- esclarecer o contexto em que a vida prática do homem se relaciona com a ciência da história no tempo;
- reconhecer a importância da história como ciência na vida prática do homem;
- esclarecer que o motivo da história ter que ser reescrita, não reside no fato dela apresentar falhas, mas no de garantir que na apreensão da evolução temporal dos homens e de seu mundo ela receba *deles* decisivos impulsos, pois os novos interesses da humanidade determinam novas perspectivas e funções para historiografia.

2-Os significados da teoria da história.

A teoria da história contribui de diversas maneiras para a competência profissional do historiador, pois permite:

- uma introdução técnica correta no estudo da história;
- soluciona o problema da combinação eficaz de diferentes disciplinas ao especificar os princípios e limites da história científica;
- soluciona o problema do subjetivismo face a exigência de objetividade do pensamento científico de maneira que o estudioso leve em consideração seus interesses e suas carências de orientação; organiza a quantidade de material de pesquisa;
- permite uma boa sistematização e argumentação do trabalho;
- soluciona o problema da prática profissional;

Através da teoria da história é possível mediar a vida profissional e a prática científica, pois ela esclarece que a vida profissional não deve se abstrair da vida humana concreta, pois, se a função da história é a de orientação do homem no tempo, a produção científica não só deve ser produzida em um contexto social como deve ser aplicado no mesmo. Se as carências de orientação do homem no tempo constituem um dos fundamentos da história a subjetividade deve ser empregada frutiferamente na construção da objetividade.

2.1 O significado da teoria da história para a historiografia

“Os princípios da razão histórica que constituem a história como ciência têm igualmente de ser refletidos e empregados quando se tratar de redigir o saber histórico obtido pela pesquisa e de torná-lo acessível ao público destinatário”. (Rüsen, 2001, p.46)

Essa questão deve ser lembrada porque a forma de apresentação da pesquisa, ou seja, a escrita historiográfica deve ser produzida para um público-alvo, o qual não pode deixar de ser tratado como uma das finalidades do desenvolvimento do trabalho do historiador.

Esta é uma questão bastante discutida no que concerne a produção dos livros didáticos. A linguagem e a forma a ser utilizada na apresentação da produção historiográfica para crianças e jovens não deve perder de vista esta reflexão teórica, do contrário correremos o risco de não atingirmos os verdadeiros objetivos do ensino de história.

2.2 O significado da teoria da história para a formação histórica.

Por formação histórica Rüsen entende:

Todos os processos de aprendizagem em que ‘história’ é o assunto e que não se destinam, em primeiro lugar, á obtenção de competência profissional (...): o ensino de história nas escolas, a influência dos meios de comunicação de massa sobre a consciência histórica e como fator da vida humana prática, o papel da história dos adultos como influente sobre a vida cotidiana (...) é nela que se encontram, além dos processos de aprendizagem específicos da ciência da história, todos os demais que servem á orientação da vida prática mediante consciência histórica e nos quais o ensino de história (como exposição de saber histórico com o objetivo de influenciar terceiros) desempenha algum papel. (Rüsen, 2001, p.48)

O conceito de didática da história nos possibilita compreender as diferenças qualitativas que existem entre “ciência da história” como disciplina especializada e o ensino de história na escola. Isso pode ser uma importante contribuição para os professores de história, já que um dos problemas que acompanha grande parte desses profissionais consiste em saber como lida com a transposição da história científica (acadêmica) para o âmbito escolar.

Essa relação entre conhecimento científico e ensino escolar geralmente está permeada pelo equívoco de se considerar o ensino de história uma reprodução em miniatura, de acordo com o nível intelectual do aluno, do conhecimento resultante da pesquisa histórica.

No entanto, apesar das diferenças entre a matriz disciplinar da ciência da história e o currículo (fundamentos do ensino de história), ambos compartilham uma mesma função: a da busca de orientação do homem e de sua relação com seu mundo no tempo. E mais, se hoje a história é uma disciplina escolar, ministrada para milhões de pessoas – seja criança, adolescente ou adulto- sabemos que isso só foi possível em razão do reconhecimento de que ela possui uma função social que perpassa os muros da universidade, mas que não pode deixar de ser a essência motivadora da história científica.

3- Pragmática enquanto constituição do pensamento histórico na vida prática.

A consciência histórica se constitui como um dos principais fundamentos de todo conhecimento histórico e, por meio da análise dos processos de interpretação do mundo pelos homens, que a constitui, se pode reconhecer os vínculos entre história-ciência e vida. Deste vínculo entre o pensamento histórico e a vida é possível explicitar o que é ‘teoria’ enquanto saber histórico obtido em relação e contraste com a práxis.

Por consciência histórica entende-se:

a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo. (Rüsen, 2001, p.57)

Esta interpretação do mundo se dá em função do agir intencionalmente para poder viver. É no agir, procedimento típico da vida humana, que o homem, com os objetivos que busca na ação, se transpõe para além do que ele e seu mundo são a cada momento. Essa transposição é denominada superávit intencional do agir humano.

Para agir intencionalmente, o homem precisa se orientar no tempo. Ele precisa interpretar o que ele experimentou como mudança de si e do mundo ao longo do tempo para que suas intenções possam realizar-se. Como no agir, em uma perspectiva temporal, ele projeta um tempo que vai além do tempo que experimenta, ele projeta um tempo intencional. A dinâmica entre experiência no tempo e intenção no tempo determina uma das operações mentais da consciência histórica: orientação do agir humano no tempo.

Ao interpretar as experiências no tempo com relação às intenções do agir, o homem dá sentido ao mundo e a sua auto-interpretação, ele constitui o sentido da experiência do tempo. No entanto, o tempo muitas vezes se apresenta como uma barreira ao agir humano, de forma que nem sempre podemos satisfazer nossas intenções. Esta barreira ao agir humano é denominada tempo natural.

Este tempo natural tem que ser interpretado pelo homem para que ele não se perca nos processos de mudança do mundo e de si mesmos e é guiado pela consciência histórica que ele tenta dominar o tempo experimentado, que ele tenta transformar o tempo natural em tempo humano, carregado de intenções e desejos.

O resultado de todas as operações da consciência histórica está sintetizado em uma unidade estrutural denominada narrativa histórica:

Com essa expressão, designa-se o resultado intelectual mediante o qual e no qual a consciência histórica se forma e, por conseguinte, fundamenta decisivamente todo pensamento-histórico e todo conhecimento histórico científico. (Rüsen, 2001, p.61)

Se os homens ao interpretarem sua experiência no tempo mesclam a realidade (tempo natural) com a imaginação (tempo humano) quais seriam os fatores que constituiriam uma narrativa histórica que trate da realidade?

A recorrência á lembranças para interpretar as experiências do tempo e o retorno ao passado é sempre impulsionado pelas experiências do tempo presente. A lembrança, quando mobilizada para interpretar experiências atuais mediante o movimento da narrativa, passa constituir a consciência histórica.

A narrativa histórica constitui a consciência histórica como relação entre interpretação do passado, entendimento do presente e expectativa do futuro mediada por uma representação abrangente da continuidade. Essa mediação deve ser pensada como especificamente histórica por operar a inclusão da interpretação do presente e do futuro na memória do passado.

A narrativa histórica é um meio de constituição da identidade humana:

Toda narrativa (histórica), está marcada pela intenção básica do narrador e de seu público de não se perderem nas mudanças de si mesmos e de seu mundo, mas de manterem-se seguros e firmes no fluxo do tempo. (Rüsen, 2001, p.66)

Por meio da prática do narrar o homem orienta seu agir e sofrer no tempo e formula representações da continuidade temporal, a qual institui a identidade por meio da memória.

4- Como surge dos feitos a história?

Se partirmos da definição de que nem tudo o que tem a ver com o mundo é história só porque já aconteceu, mas exclusivamente quando se torna presente, como passado, em um processo consciente de rememoração o passado não interpretado não passa de meros fatos mortos.

Se acrescentarmos ainda a idéia de Max Weber de que o homem ao interpretar o passado lança mão de valores presentes nas intenções da vida prática atual e que são justamente essas intenções que dão sentido ao tratamento cognitivo do passado, inúmeras são as questões que surgem no contexto da didática da história escolar.

Essa tese subjetivista subestima a importância da experiência histórica que realmente aconteceu no passado, como se nossos interesses atuais manipulassem essa experiência como um fantoche.

Já uma resposta objetivista destaca o papel das experiências valorativamente neutras do passado, de maneira que as operações mentais da consciência histórica não seriam mais que reflexos de estruturas temporais, que não abrem qualquer possibilidade de orientação da vida prática presente. O passado se impõe fatidicamente e a história se constitui enquanto uma sequência de fatos ocorridos aos quais devemos nos adaptar.

Podemos, no entanto, estabelecer uma posição mediana entre o objetivismo e o subjetivismo, entre memória e experiência, de forma que o passado possa ser articulado (como experiência) as orientações presentes no agir contemporâneo.

Partindo deste pressuposto, Rüsen define história como:

...o passado sobre o qual os homens têm de voltar o olhar, a fim de poderem ir á frente em seu agir, de poderem conquistar seu futuro. Ela precisa ser concebida como um conjunto, ordenado temporalmente, de ações humanas, no qual a experiência do tempo passado e a intenção com respeito ao tempo futuro são unificadas na orientação do tempo presentes. (Rüsen, 2001, p.74)

Existiria nos próprios feitos da vida humana atual uma representação temporal do passado, presente e futuro? O agir humano do passado está presente no agir atual, mesmo antes de passar pelas operações da consciência histórica?

Cada ação se articula com ações já realizadas, e a maneira mais intensa com que o passado se articula com o presente é pela *tradição*, não a tradição cultivada intencionalmente, mas a tradição enquanto:

Modo pelo qual o passado está presente nas referências de orientação da vida humana prática, antes da intervenção interpretativa específica da consciência histórica... nela o passado não é consciente como passado, mas vale como presente puro e simples, na atemporalidade do óbvio... nela está presente a orientação que a consciência histórica tem de produzir mediante o esforço adicional da narrativa: mediação consistente entre experiência do tempo e a intenção do tempo.(Rüsen, 2001, p.77)

As operações da consciência histórica são necessárias sempre que a orientação temporal passada, pela tradição, não basta. Isso ocorre em razão do superávit intencional humano entendido não apenas enquanto operação da consciência histórica, mas como alavanca da própria vida humana prática. Justamente porque as experiências do tempo e as

intenções no tempo são superadas nos processos da vida humana prática, a orientação no tempo por meio dos conteúdos prévios da tradição não basta, então a consciência histórica se torna necessária. Ela recorre às interpretações do passado para orientar as ações do presente e tornar possível a realização do superávit intencional. Mas o passado que se torna consciente como história não resulta de uma escolha arbitrária, ele emerge da própria tradição, de tudo que ainda subsiste do passado e que pode ser lembrado.

5- Os critérios de verdade do pensamento histórico e a constituição metódica da ciência da história.

O que diferencia a história científica das demais formas de consciência histórica?

A história como ciência tem a pretensão de obter uma validade universal da narrativa histórica. No entanto, esta verdade depende intrinsecamente dos destinatários da história narrada e todas elas buscam credibilidade no momento mesmo em que são criadas e quanto mais elas possam superar eventuais dúvidas mais próximas da verdade estão.

Existem três momentos em que essas dúvidas podem surgir:

- na articulação das experiências do tempo passado, conteúdo experiencial;
- ao relacionar as experiências do tempo passado com as intenções do agir de seus destinatários a partir de determinados pontos de vista e valores;
- ao representar a continuidade constitutiva da identidade, a síntese entre experiência do tempo e expectativa quanto ao tempo, produzida pela narrativa.

A história como ciência é a forma peculiar de garantir a validade que as histórias, em geral, pretendem ter. Histórias narradas com especificidade científica são histórias cuja validade está garantida mediante uma fundamentação particularmente bem feita. O que diferencia o pensamento histórico-científico dos demais não é o fato de pretender a verdade, mas o modo como reivindica a verdade.

Parte II

SOBRE A PESQUISA DE FONTE

O fato de meu trabalho ter como base a reflexão sobre minha própria prática profissional sob a perspectiva teórica do conceito de “didática da história” exerceu grande influência na escolha do método e na análise das fontes. No entanto, o foco de minha pesquisa não está propriamente no professor, mas sim no aluno.

Ao admitir que a orientação do homem no tempo se constitui enquanto elo central de toda produção do conhecimento histórico, torna-se necessário compreender o processo evolutivo da consciência histórica nos adolescentes, para que a partir dessa compreensão possamos pensar em regras de procedimento de comunicação que possibilite a formação intencional da consciência histórica. Em síntese, proponho que por meio desta compreensão o professor de história possa pensar sua profissão como uma aplicação prática do saber histórico e como fator do processo de conhecimento histórico integrante da matriz disciplinar da ciência.

Realizei uma pesquisa com noventa alunos do 9º ano, estudantes do Colégio Claretiano Coração de Maria e pertencentes à faixa etária que vai de dez a treze anos. Da outra parte da pesquisa participaram sessenta e cinco alunos do terceiro ano do ensino médio, estudantes do Colégio Estadual Nazir Safatle no turno noturno e pertencente à faixa etária de dezoito a cinquenta anos.

Meu objetivo é que as informações da pesquisa possam nos abrir portas no sentido de buscarmos uma orientação teórica que parta da consciência histórica que predomina entre os alunos. Parto do pressuposto de que para que uma narrativa histórica tenha sentido para os alunos seja necessário conhecermos quais são suas intenções no tempo, do contrário, não estaremos fazendo mais que impor nossas próprias intenções de orientação temporal.

A referida pesquisa consiste em um questionário com cinco questões, quatro subjetivas e uma objetiva, que foram elaboradas sob a perspectiva de que seus dados empíricos pudessem esclarecer alguns questionamentos. Cinco foram os problemas que orientaram a elaboração deste questionário: a importância dada pelos alunos à história enquanto disciplina escolar; a importância da narrativa de pais, avós e outras pessoas na obtenção de conhecimento histórico (ainda que não científico) e na formação da identidade; a influência dos meios de comunicação, da arte e da arquitetura para o conhecimento histórico; as perspectivas temáticas dos alunos acerca das aulas de história e a idéia de que a consciência histórica seja própria do ser humano independente de sua formação educacional.

Procurei abordar os processos de aprendizado de história não apenas no contexto do ensino de história, mas nos mais diversos contextos da vida concreta dos alunos nos quais a consciência histórica exerce algum papel.

1- Da elaboração e aplicação do questionário.

Antes da apresentação dos resultados da pesquisa, farei uma análise minuciosa de cada questão, justificando-as e estabelecendo possíveis relações entre elas e alguns conceitos como: orientação temporal, cotidiano, memória, identidade, consciência histórica, história oral e formação histórica. Logo depois colocarei em evidência os resultados da investigação. Apesar da maior parte das questões serem subjetivas, foi possível observar algumas características de maior recorrência nas respostas, o que me permitiu obter informações acerca da concepção de história que vigora entre os alunos. Estas informações serão acompanhadas de algumas transcrições da pesquisa.

QUESTÃO 01- Na sua opinião, qual a importância da história enquanto disciplina escolar?

O objetivo deste questionamento é saber se na opinião dos alunos a história enquanto disciplina escolar produz efeito sobre a vida prática, em outras palavras, saber se a função prática do conhecimento histórico vem produzindo efeitos nos processos de aprendizagem.

Considerando o aprendizado da história como ato de transformação da consciência histórica em tema da didática da histórica, minha pretensão consiste em analisar se, para os alunos, a história pode auxiliar o homem na sua relação com o tempo e nas suas interpretações das experiências com vistas a um melhoramento de sua orientação temporal bem como de sua formação identitária.

A importância da história deve ir além, portanto, de uma mera satisfação de curiosidades relacionadas ao passado da humanidade, ela deve ter uma função prática, é esta função que lhe atribui sentido. Quando as carências de orientação são transformadas em motivos para obtenção de conhecimento histórico inevitavelmente elas serão entendidas como carências de aprendizado. O mesmo deve contribuir para o desenvolvimento da consciência histórica necessária a resolução dos problemas práticos de orientação.

Partindo do pressuposto de que a importância do ensino escolar de história seja o desenvolvimento da consciência histórica, acredito que seja importante saber se e em que dimensão estamos realizando esta função da didática da história.

Dos 155 entrevistados 81 alunos apresentaram uma perspectiva evolutiva e totalizante da história em que predomina o conhecimento do passado, dos ancestrais e das origens, não manifestando uma idéia que integre o passado ao presente e á perspectivas futuras. O passado é visto como tempo distante que tem pouco a contribuir para solução de nossas carências atuais. Veja abaixo alguns dos resultados coletados:

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

“A história aplicada como uma disciplina escolar é a oportunidade que temos para aprendermos sobre o nosso passado e descobrir fatos verdadeiros que aconteceram na vida real e que sem a história seria impossível saber (descobrir). (3ºano-ensino médio)

“Graças a história podemos saber como noços antepassados evoluíram desde a pré-história até os dias de hoje.”(9ºano)

Apenas 13 alunos consideraram a história como disciplina que busca o conhecimento do passado numa perspectiva de transformação social:

“Enquanto disciplina escolar, a história nos permite um conhecimento mais amplo de acontecimentos passados, e com isso, nos faz ter uma capacidade de melhor entendimento para os acontecimentos atuais e futuros.” (9ºano)

“A história como disciplina escolar é importante para termos conhecimento do passado, sabermos o que mudou de lá para os dias atuais quanto á tecnologia, medicina, ciências, industrias, espaciais, etc. É bom também para tentarmos consertar o que era errado no passado.”(3ºano)

Dezessete alunos apresentaram a importância da história sob a perspectiva da narração dos grandes fatos e personagens:

“Na minha opinião a importância é que a história conta fatos que aconteceram no passado com pessoas importantes como escravos e feudais etc. (3ºano)

“A disciplina história lembra das histórias de como foi construído o Brasil, e outros países, as grandes guerras que houve, as viagens que os reis e as rainhas faziam. Também história lembra das grandes empresas de cafés, cacau, açúcar etc. e hoje através da história podemos estudar tudo isso e muito mais...Por isso história é fundamental que nós estudemos e lembramos a importância dela no estudo.”(9ºano)

Dezessete alunos opinaram que a história busca compreender as mudanças e também a permanências que ocorreram no processo histórico;

“É importante, pois ela registra fatos importantes, que aconteceram no passado e que ainda acontecem no presente, é importante para nos conhecermos mais sobre o passado e sobre a vida de nossos ancestrais, e conhecendo o passado poderemos entender o futuro.”(9ºano)

Em razão da grande recorrência de termos como “passado”, “origens”, “antepassados”, “ancestrais” e “pré- história” considerei importante observar a questão da

história do tempo presente. Ocorre que apenas treze alunos fizeram algum tipo de referência neste sentido:

“A história é uma coisa muito complicada para ser entendida, mas a história melhor é o que está acontecendo agora nos últimos anos, é a mais importante”. (9ºano)

Apenas seis alunos estabeleceram uma relação entre o conhecimento de outros povos e culturas e a história, sendo que nenhum deles fez qualquer menção a questão do respeito às diferentes identidades no contexto da função da disciplina:

“É importante porque temos que saber os nossos antepassados, as nossas origens, qual os costumes de cada povo e também ficar por dentro das culturas, saber como era o mundo há séculos atrás e o que mudou no século XXI”. (3ºano)

Não poderia deixar de expor a opinião daqueles que não vêem qualquer importância no ensino de história:

“Não tão importante para quem não vai seguir essa profissão.”(9ºano)

“História só deveria ser estudada até a 5ª série, assim o estudante já saberia o básico e não aprenderia coisas inúteis.”(9ºano)

“Na minha opinião, nenhuma, pois o que já passou não é preciso ser lembrado”.(3ºano)

QUESTÃO 02- Você já ouviu algo sobre a história de vida de seus pais, avós ou outras pessoas mais velhas? Que importância isto teve para seu conhecimento acerca da história de sua cidade, de seu país e de sua própria vida?

Ao elaborar esta questão tive como objetivo perceber se a história oral para os alunos é vista como forma de obtenção do conhecimento histórico e também se elas exerceram alguma influência na formação da consciência histórica dos mesmos. Quis verificar que papel a história dos adultos exerce sobre a vida cotidiana e como, a partir da prática do narrar, são formuladas representações da continuidade temporal. Qual seria a importância da narrativa e da linguagem na composição de uma memória coletiva e do sentimento de pertencimento a um grupo com um passado comum.

Partindo do pressuposto de que um dos elementos mais importantes que afirmam o caráter social da memória seja a linguagem, quis também provocar nos alunos a exposição das atividades do lembrar e do narrar por meio da escrita para perceber como eles socializam a

memória com seu grupo. Qual seria a importância da narrativa e da linguagem na composição de uma memória coletiva e do sentimento de pertencimento a um grupo com um passado comum?

Este é também o momento de analisarmos uma das operações mentais da consciência histórica, a qual consiste na formação pré-científica do pensamento histórico e que foi detalhadamente descrita na primeira parte do artigo.

Como era de se esperar, praticamente 100% dos entrevistados ouviram histórias de vida de avós, pais e outras pessoas e admitiram que elas tiveram importância e ampliaram seu conhecimento.

Cerca de trinta e três alunos fizeram referência a história da cidade:

“Já ouvi sobre meus avós eles contam sobre eles quando vieram de Minas Gerais instalaram-se no município onde morei até meus desesseis anos lá não existia quase nenhuma casa até hoje ainda existe a casinha da minha avó um pouco modificada pelo homem a cidade se desenvolveu e hoje quase não tem traços do passado da história da chegada dos meus avós.”(3ºano)

“Sim. Era completamente diferente do que é hoje a cidade não era asfaltada, não tinha prédios, quase não passava veículos. Isso teve importância que hoje eu sei como era antigamente, como era a cidade e como as coisas e costumes mudaram.” (9ºano)

Quarenta e um alunos afirmaram que as histórias que ouviram contribuíram para formação da identidade familiar e cultural por estarem relacionadas diretamente a sua descendência:

“Sim, foi uma história muito importante para mim, por que mim mostrou que a história faz parte de nossas vidas, as coisas mudam, as pessoas mudam. As cidades mudam, e assim por diante. E com isso vamos aprendendo de gerações a gerações levar as nossas histórias para nossos filhos, netos e assim vai levando. Mas são coisas muito importantes que fazem parte de nossas vidas e fizeram e sempre vão fazer.”(3ºano)

“Sim, isso é um conhecimento muito importante na minha vida, pois sabendo quase tudo sobre ele, eu terei um conhecimento sobre uma parte da minha vida. Principalmente das minhas origens, e se eu não soubesse disso, eu não saberia que eu sou metade goiana e metade baiana.”(9ºano)

Apenas quatro alunos perceberam mudanças negativas, como o aumento da violência e o desrespeito entre as pessoas. Um grande número apresentou uma visão otimista ao comparar

a vida de pais e avós com a própria vida. Quarenta e dois alunos perceberam mudanças positivas na situação sócio-econômica do país, no desenvolvimento tecnológico e na saída do campo para a cidade:

“Sim já ouvi histórias sobre meus avós. Isso me fez ver como hoje é diferente a criação dos filhos com mais liberdade, mais conforto e mais facilidade para se freqüentar uma escola. Quanto a minha cidade, esta evoluiu muito, cresceu e modernizou.” (3ºano)

“Sim, já ouvi histórias de pessoas mais velhas e isso me fez perceber o quanto a vida de pessoas de alguns anos atrás é diferente da vida de hoje. Isso nos mostra que estamos sempre evoluindo.” (9ºano)

Trinta e seis alunos relacionaram as histórias compartilhadas a uma questão de caráter, moral, trabalho e valorização das oportunidades que “existem” atualmente:

“Sim já ouvi história de meus pais, de quando eles moravam nas fazendas, e não tinha televisão, celular, computador e até mesmo luz e energia. Eles usavam lampião, eles trabalhavam muito nas fazendas, eles não tinha essas mordomia que tem hoje em dia, por isso te ensina ser uma pessoa mais compreensiva, uma pessoa que não pensa só em viver na malandragem.”

QUESTÃO 03- Você acha que os meios de comunicação, a arte e a arquitetura podem nos proporcionar conhecimento histórico? De que maneira?

A memória também está relacionada com os lugares. Tanto a memória individual quanto a coletiva tem nos lugares uma referência importante para a sua construção. As memórias dos grupos se referenciam nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Os lugares são importantes referências na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças empreendidas nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

A partir de meados do século XX os historiadores começaram a questionar os procedimentos positivistas e ampliar as perspectivas do que poderia ser considerada fonte histórica. No entanto, no contexto da didática da história podemos observar que a incidência da utilização deste novo leque de fontes na formação histórica ainda é muito pequena.

Apesar de praticamente 100% dos alunos entrevistados compreenderem que a arte e a arquitetura podem proporcionar conhecimento histórico, nenhum deles expôs com clareza de que maneira ocorre esta contribuição. Quando chegam a especificar algo neste sentido sempre fazem referência às grandes obras de arte, às exposições dos museus, às mini-séries, filmes e

reportagens televisivas, sendo que a maioria deles compartilha a idéia de que os meios de comunicação sempre veiculam a verdade e, quando muito, apenas omitem alguns fatos:

“Claro que sim, pois sem meios de comunicação hoje não da pra viver. Os museus, a cidade de Goiás Velho, Pirinópolis tem a arte e a arquitetura da antiguidade e são importante e bom de ver e fazem parte do conhecimento histórico”. (9ºano)

“Acho. Os meios de comunicação como a TV passam programas sobre vários temas históricos. Na arte podemos ver quadros pintados em mostras, como pinturas de Pablo Picasso e na arquitetura os prédios e casas antigas como a casa de Cora Coralina em Goiás.” (3ºano)

QUESTÃO 04- Uma pessoa que nunca foi a escola possui algum tipo de conhecimento histórico? () sim () não

Esta é a única questão objetiva do questionário e por meio dela foi possível perceber a relação dos alunos com a história oficial ensinada na escola e se na perspectiva deles a validade do conhecimento histórico está ligada unicamente a narrativa histórica formal.

O resultado me surpreendeu. Praticamente 100% dos alunos concordaram que uma pessoa que não teve acesso a educação formal possui conhecimento histórico o que demonstra que há uma valorização das narrativas históricas familiares e um reconhecimento da orientação temporal e da formação identitária por meio da história oral.

QUESTÃO 05- Se você pudesse escolher o que estudar na escola nas aulas de história o que você estudaria? Por quê?

Meu objetivo era que esta questão apresentasse alguns temas que fossem de maior interesse para o aluno. Entretanto, eles expuseram como sugestão a temática mais recente que foi desenvolvida em sala de aula, o que representa um problema. Os alunos não souberam expor suas carências de orientação temporal o que demonstra que não vem ocorrendo um desenvolvimento das operações da consciência histórica dos mesmos, ou seja, existem deficiências a serem superadas pela Didática da História.

CONCLUSÃO E REFERÊNCIAS PARA UM TRABALHO POSTERIOR

Espero que esta pesquisa tenha contribuído para construção de uma reflexão que assegure o uso prático do saber produzido pela ciência da história. Por meio do conceito de formação histórica apresentado por Jörn Rüsen podemos estabelecer uma articulação da

história como ciência e como aprendizado, pois esses dois aspectos, apesar de se desenvolverem em direções diferentes, estão fundados nas operações e nos processos existenciais da consciência histórica.

A pesquisa nos permitiu verificar a contribuição da ciência da história para o desenvolvimento das competências da consciência histórica que são necessárias para resolver problemas práticos de orientação com o auxílio do saber histórico.

Ela nos permitiu ainda verificar o contexto prático do ensino de História em Goiânia e as possibilidades de se discutir as funções do conhecimento histórico e do historiador profissional a partir da teoria da história desenvolvida por Jörn Rüsen.

Por outro lado a própria pesquisa proporcionou aos alunos um momento de reflexão sobre o aprendizado da história proporcionado, fora do âmbito escolar, veiculado pelos meios de comunicação, pela paisagem da cidade e pela história oral.

Saber quais são as perspectivas dos alunos quanto a disciplina pode favorecer a produção de novas abordagens, novos temas e novos discursos que realmente atendam aos interesses dos alunos. Estes devem ser tratados como público-alvo do conhecimento histórico produzido cientificamente e ao mesmo tempo público que possui interesse e objetivos.

O educador deve sim ter uma preparação teórica que aborde os princípios e fundamentos da história, do contrário ele não passará de um mero reprodutor de conteúdos vazios e sem sentido. É preciso que se construa em sala uma narrativa que tenha sentido e que esteja vinculada a vida prática do aluno.

Pretendo continuar o desenvolvimento desta pesquisa e creio que é de fundamental importância uma análise mais aprofundada da construção do discurso em sala de aula. Isso torna possível a criação de novas perspectivas quanto a narrativa histórica e pode nos auxiliar na busca das chances de aprendizado da consciência histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RÜSEN, jörn. **Razão histórica: teoria da história, fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Reconstrução do passado;** tradução de Asta-Rose Alcaide. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico;** tradução de Estevão de Rezende Martins. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.